



O nome do livro foi inspirado em faixas e cartazes que os fotógrafos viram aos montes na viagem a Cuba

Leandro Taques

UMA AVENTURA EM CUBA QUE VIROU **imagens para a história**

No impulso, dois fotógrafos e um jornalista resolvem acompanhar os funerais de Fidel Castro e enfrentam vários desafios em Cuba. A jornada se transformou em livro somente um ano depois. Confira

POR **SÉRGIO BRANCO**

O gaúcho Tadeu Vilani e o paranaense Leandro Taques, ambos fotojornalistas experientes, já se conheciam de várias coberturas. Desses encontros de trabalho, descobriram que tinham um desejo em comum: fotografar a comoção popular em Cuba quando Fidel Castro morresse. Ambos já tinham ido duas ve-

zes à ilha caribenha, em anos diferentes, e sabiam o quanto a morte do líder cubano repercutiria no povo. Por isso, quando foi anunciada a morte de Fidel, viajaram no impulso, às pressas, e ao grupo se incorporou o jornalista Gibran Mendes, que nunca tinha ido a Cuba. O resultado foi uma longa aventura, muito material fotográfico, um livro e um novo fotojornalista:

Mendes descobriu sua verve fotográfica na jornada.

A ideia do livro também surgiu durante a viagem, num jantar logo no primeiro dia em Havana, capital do país, quando Taques perguntou aos demais o que fariam com o material que produziriam. Por razões óbvias, Mendes ficou com a missão de fazer o texto. Porém, não resistiu a fotogra-

Ao lado, tristeza de cidadão cubano pela perda do líder; abaixo, bandeira do Brasil em barbearia

far com seu iPhone 7 Plus e, com dicas dos companheiros, também fez imagens dignas de publicação. Assim nasceu *Yo Soy Fidel*, no qual Mendes colabora com o relato da aventura e 11 fotos. Das centenas de imagens que Taques e Vilani fizeram, ambos editaram 37 cada um para o livro de 120 páginas, totalizando 85 imagens (mais 16 de *making of*, a maior parte de Taques).

O nome vem da frase que mais ouviram em Cuba, que também podia ser lida em cartazes e faixas. Ao todo, eles passaram uma semana na ilha e rodaram cerca de 2 mil km num Dodge 1956 com motor de Peugeot dirigido por Pedro “Tortuga”, apelido que deram ao motorista por causa da velocidade que imprimia ao velho carro americano nas estradas. Na ponta do lápis, a viagem custou cerca de R\$ 6.500 para cada, um investimento “a fundo perdido”, diz Taques, mas que ele espera recuperar com a venda de livros, mesmo que demore.

CROWDFUNDING

A saída para fazer o projeto vingar foi buscar a via do *crowdfunding* (financiamento coletivo), no caso, o site Kicante, com uma meta estabelecida de R\$ 25 mil para imprimir dois mil exemplares do livro. Conseguiram R\$ 17.615. O restante, R\$ 7.385, foi obtido com patrocinadores “que poderiam se interessar por esse tipo de livro”, ressalta Taques, caso de três sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Dos dois mil exemplares, 500 foram direcionados como recompensa a quem colaborou no financiamento coletivo e cada um dos autores ficou com um lote de 500. “O livro está sendo vendido a R\$ 50. Então, com o tempo, espero recuperar o investi-



Tadeu Vilani

Gibran Mendes





Leandro Taques

Fotos: Tadeu Vilani



Acima, crianças na rua à espera do cortejo com às cinzas de Fidel Castro; ao lado, retrato de uma cubana durante as homenagens póstumas

mento na viagem. Mas sei que vai ser devagar, no ritmo do nosso amigo Pedro Tortuga”, brinca Taques, 44 anos, fotógrafo *freelancer* em Curitiba (PR), professor de Fotojornalismo e Fotografia Documental na escola Centro Europeu e membro do coletivo Jornalistas Livres.

Para o premiado Tadeu Vilani, 53 anos, há 20 como repórter fotográfico do jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre (RS), tudo correu bem por causa da solidariedade dos cubanos. “Eles adoram os brasileiros, e procuraram nos ajudar o tempo todo. Temos um material histórico, que felizmente conseguimos publicar no livro, somente com imagens em preto e branco”, explica.

Gibran Mendes, 36 anos, que atualmente trabalha como assessor de imprensa em Curitiba e também faz parte do coletivo Jornalistas Livres, diz que a viagem foi marcante por duas descobertas: a fortíssima ligação do povo cubano com Fidel Castro e a paixão pela fotografia. “Não esperava encontrar um vínculo tão forte. Só estando lá para entender. Já a fotografia me empolgou muito. Recebi muitas dicas do Tadeu e do Leandro. Quando voltamos, comprei uma câmera,



Leandro Jaques



É muito comum encontrar retratos de líderes cubanos no interior das casas, algo que boa parte da população faz por iniciativa própria

fiz cursos, busquei mais informação e acabei virando fotógrafo também”, comenta ele.

Dono de duas *mirrorless* Fuji, XT-20 e XT-2, com lentes 16 mm, 56 mm e 90 mm, Mendes tem feito fotos para os sites Porem.net e Fotos Públicas e para o Instituto DeClaTra, da capital paranaense. “Não deixei de escrever, mas a fotografia tem ocupado cada vez mais tempo na minha vida. Se não tivesse ido a Cuba, acho que jamais descobriria essa vertente. E fotografo somente com lentes fixas, como me ensinaram os dois”, explica.

TUDO MUITO RÁPIDO

A morte de Fidel ocorreu na madrugada de sexta para sábado, no dia 26 de novembro de 2016. Leandro recebeu a notícia logo de manhã e confessa que teve dúvida se conseguiria viajar. Já havia avisado na escola onde dá aulas que se isso ocorresse ficaria cerca de 10 dias fora. Começou a pesquisar o preço da passagem aérea e acionou o amigo Gibran Mendes, com quem tinha comentado o desejo de ir a Cuba para os funerais de Fidel. Com dois empregos, Mendes também não sabia se daria para ir.

No começo da tarde, quando ainda pe-



Acima, ancião cubano que se mostrava muito triste pela morte de Fidel; abaixo, mulher caminha ao lado de muro com pinturas de líderes da revolução cubana



Gibran Mendes



Tadeu Vilani

Apesar da comoção nacional, os habitantes de Havana, a capital cubana, tentavam seguir a vida normalmente

sava prós e contras, Taques recebeu uma mensagem de Tadeu Vilani no Facebook: “Vamos pra Cuba?”. Era o empurrão que faltava. Imediatamente respondeu que sim e intimou Mendes. “Tô indo pra Cuba. Você vai ou não?” O jornalista pediu para responder na segunda de manhã, enquanto Taques e Vilani iam monitorando o preço das passagens aéreas.

Na segunda, Mendes confirmou e todos decidiram que sairiam de Porto Alegre. “Vimos que era mais barato sair de lá com a Copa Airlines do que de São Paulo. Pegamos um voo em Curitiba na noite de segunda pa-

ra Porto Alegre. O Tadeu comprou as passagens no balcão da empresa aérea por um preço também menor que o de sites e tiramos os vistos com a própria Copa, que tem um acordo com Cuba. Chegamos lá na madrugada de terça”, conta Taques.

A reserva de hospedagem havia sido feita via site Airbnb, “sinal de modernidade em Cuba”, pontua Vilani. Assim, os três foram para a casa de Grechen, a dona do apartamento que tinha um quarto com banheiro privativo para turistas – com diária de 30 CUCs, ou Peso Cubano Conversível, com valor equivalente ao dólar e

usado basicamente por turistas.

As homenagens a Fidel começaram na segunda e terminariam naquela noite na Praça da Revolução, em Havana, e o funeral com as cinzas do líder cubano sairia no dia seguinte, cortando a ilha, até Santiago de Cuba, no outro extremo, a cerca de 900 km. Primeiro problema: não havia mais carros para alugar. O governo cubano havia requisitado muitos para convidados que seguiriam o cortejo. Segundo problema: a diária no apartamento era para um dia apenas.

A própria Grechen ligou para Idális, sua amiga, e conseguiu um quarto para os três. Passaram um dia inteiro procurando e andando por Havana até conseguirem o telefone do taxista Pedro, dono de um Dodge 56 branco com detalhes em vermelho. Combinaram a viagem para o dia seguinte, pois já estavam atrasados.

RUMO A SANTIAGO

Saíram às 4h da manhã, e uma viagem que normalmente duraria 12 horas, na previsão de Pedro, demorou 28, com paradas em Crucero Piedre- ▶



Leandro Taques

Jovem cubano aguarda de madrugada, à beira da estrada, a passagem do cortejo fúnebre